**LITERATURA PEDAGÓGICA E ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA: OS MODOS DE ENSINAR E EDUCAR DA “CAIXA DE UTENSÍLIOS”**

**Autora: Hercília Maria Fernandes**

Doutora em Educação | UFRN

Professora Adjunta | Universidade Federal de Campina Grande | UFCG

E-mail: fernandeshercilia@gmail.com

**Resumo**:

Falar de uma “literatura pedagógica” pressupõe pensar em uma forma e um modo particular de socialização dos sujeitos na escola: a “forma escolar”. Pressupõe considerar, assim, a existência de uma racionalização pedagógica relacionada a saberes objetivados que conquistaram sua coerência *na* e *pela* escrita. No Brasil, a partir do final do século XIX, a literatura pedagógica destinada a orientar modos de ensinar e educar as crianças nas instituições escolares se efetivou por meio de dois modelos de formação docente: o da “caixa de utensílios”, vinculado à Pedagogia Moderna, e o da “ciência da biblioteca”, associado à Pedagogia Nova. Considerando esse entendimento, objetiva-se refletir os modos de educar e ensinar racionalmente sistematizados conforme o modelo da “caixa de utensílios”. Esse modelo se difundiu a partir da Escola Normal Caetano de Campos, em grande medida por contribuição da *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897). Constituindo uma pesquisa histórica, a metodologia articula a análise de fontes documentais a uma revisão de literatura. Enquanto considerações finais, os modos de ensinar e educar orientados e prescritos pelas jardineiras autoras da *Revista do Jardim da Infância* são compreendidos enquanto dispositivos de uma forma escolar e de um modo escolar de socialização da infância, mediante as bases conceituais e práticas da pedagogia froebeliana do *Kindergarten*.

**Palavras-chave:** Literatura pedagógica. Escolarização da infância. Caixa de utensílios. Revista do Jardim da Infância.

**Introdução**

Falar de “literatura pedagógica” pressupõe pensar em uma forma e um modo particular de socialização dos sujeitos na escola: a “forma escolar” (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001). A invenção da forma escolar se deu por volta do século XVI, conjuntamente com a “descoberta da infância”; isto é, com a consciência adulta das particularidades da infância. Com o avanço da racionalidade pedagógica moderna, circulação do livro impresso e alfabetização socializada, surgem diversos livros de natureza educativa, escritos por pedagogos e educadores moralistas, destinados a orientar a educação das crianças nas instituições escolares. Nesse processo de mudanças estruturais nas sociedades ocidentais, a escola é “reinventada” e a criança transformada em “aluno” (BOTO, 2002; POSTMAN, 1999).

Filiada aos saberes e às prescrições da Pedagogia, a forma escolar impõe um conjunto de relações impessoais entre os sujeitos educativos. Trata-se de garantir a normalidade e a simultaneidade dos processos formativos, por meio de práticas escriturais-escolares (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001). Dessa maneira, a forma escolar instaura uma relação pedagógica caracterizada pela “impessoalidade”. Não se trata mais de uma relação de pessoa a pessoa, mas de uma submissão do mestre e alunos a regras impessoais específicas de

[...] um espaço fechado e totalmente ordenado para realização, por cada um, de seus deveres, num tempo tão cuidadosamente regulado que não pode deixar nenhum movimento imprevisto, cada um submete sua atividade ‘aos princípios’ ou regras que a regem (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001, p. 15).

Concomitantemente às transformações próprias da modernidade, o pensamento filosófico-pedagógico de Erasmo de Rotterdã a Jan Amós Comenius, e, posteriormente, de Jean-Jacques Rousseau a Friedrich Wilhelm August Fröbel, além de difundir uma nova imagem de criança, contribui para institucionalizar a infância ao considerar, por analogia, esse tempo inicial da vida humana em “tempo escolar” (FERNANDES, 2018).

Ao associar a infância ao “tempo de semeadura”, o pensamento pedagógico moderno orienta as ações de um espaço específico e separado à infância; então regido pela dinâmica do relógio, diferenciação das idades, seriação e gradação das atividades e conteúdos correspondentes, apresentação e adequação dos materiais de ensino, e de uma nova relação pedagógica estabelecida com o mestre: a “escola infantil”. Nessa nova constituição social, os castigos e as punições físicas são abolidos, as linguagens, brincadeiras e jogos infantis valorizados. O tempo da infância se confunde ao tempo de aprendizagem, e transforma a criança em aluno. O antigo mestre-escola torna-se um “especialista” da natureza, vivências e atividades próprias da infância.

Esse conjunto de elementos que acompanharam a aparição da escola moderna e caracterizam os “novos” modos de ensinar e educar nas instituições educativas, define o que os historiadores sociais Guy Vincent, Bernard Lahire e Daniel Thin (2001) denominaram de “forma escolar”. A forma escolar impõe um conjunto de regras e uma predominância de relações pedagogizadas estabelecidas entre adultos e crianças, orientadas por uma prática distanciada, impessoal, desincorporificada, com a linguagem e com o mundo das coisas e simbologias.

Nesse sentido, falar de uma “literatura pedagógica” pressupõe considerar A existência de uma racionalização pedagógica escrita relacionada a “saberes objetivados”, que conquistaram sua coerência *na* e *pela* escrita, através de um trabalho de classificação, divisão, articulação, estabelecimento de relações, hierarquização etc.; que deverão, por essa razão, ser interiorizados e externalizados pelos sujeitos educativos. Falar, portanto, de uma literatura pedagógica requer considerar que:

Uma pedagogia do desenho, da música, da atividade militar, da dança etc., não se faz sem uma escrita do desenho, uma escrita musical, uma escrita esportiva, uma escrita militar, uma escrita da dança. Escritas que exigem quase sempre a utilização de gramáticas e de uma teoria das práticas. O modo de socialização escolar é, portanto, indissociável da natureza dos saberes escriturais a transmitir (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001, p. 29).

Considerando a direção teórico-metodológica expressa, o objetivo do artigo consiste em refletir os modos de educar e ensinar racionalmente sistematizados pela literatura pedagógica vinculada ao modelo de formação docente da “caixa de utensílios”, conforme entendimento histórico de Carvalho (2000). Esse modelo se difundiu, no Brasil, a partir da Escola Normal Caetano de Campos, em grande medida por contribuição da *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897). Constituindo uma pesquisa histórica, a metodologia articula a análise de fontes documentais, especificamente a *Revista do Jardim da Infância*, a uma revisão de literatura (BOTO, 2002; CARVALHO, 2000; FERNANDES, 2018; FROEBEL, 1897; 2001; MONARCHA; 2001; POSTMAN, 1999; entre outras fontes bibliográficas).

Enquanto considerações finais, os modos de ensinar e educar orientados e prescritos pelas jardineiras autoras da *Revista do Jardim da Infância* são compreendidos enquanto dispositivos de uma forma escolar e de um modo escolar de socialização da infância, mediante as bases conceituais e práticas da pedagogia froebeliana do *Kindergarten*; isto é, do modelo pedagógico da “caixa de utensílios”.

**A literatura pedagógica conforme o modelo da “caixa de utensílios”**

No Brasil, assim como em outros países ocidentais, a escolarização da infância se efetivou em associação à formação docente nas Escolas Normais. Visando garantir a sistematização do ensino, mediante o modelo republicano de educação recentemente instaurado (CARVALHO, 2000), a formação pedagógica docente compreendeu a circulação de publicações destinadas a oferecer bons moldes de ensino e educação.

No final do século XIX, a literatura pedagógica destinada a formar professores e a orientar os modos de ensinar e educar nas escolas brasileiras se vinculou à pedagogia da “arte de ensinar”. Essa literatura pode ser concebida, conforme entendimento de Carvalho (2000), uma “caixa de utensílios” do modelo de educação paulista de educação. Ligada à pedagogia moderna, especialmente às ideias filosóficas e educativas do pedagogo suíço Pestalozzi e do alemão Friedrich Froebel, a literatura pedagógica da caixa de utensílios expande uma imagem de criança como ser ativo e em progressivo desenvolvimento físico, emocional e cognitivo; cabendo ao educador observar a sua natureza e oferecer meios apropriados à sua livre e espontânea atividade.

De conformidade à pedagogia da “arte de ensinar”, essa literatura orientou uma educação escolar das crianças baseada na tríade da educação integral pestalozziana (“coração, mente e mão”), e, igualmente, no método desenvolvimental proposto por Froebel, criador do *Kindergarten*, baseado no “ABC das coisas”. No Brasil republicano, o modelo da “caixa de utensílios” se expandiu a partir da Escola Normal Caetano de Campos, constituído por três tipos de instituição escolar: Jardim da Infância, Escola Modelo (ensino primário) e Escola Normal (extensiva à formação de professores).

Nesse modelo, tem-se a predominância de ensinamentos relativos à pedagogia ativa e ao “método intuitivo”, baseado na educação dos sentidos – fundamento da pedagogia moderna. Considerada a arte de ensinar, a tarefa do professor consistiria em predispor às crianças a uma série graduada de objetos e um conjunto de procedimentos de uso, que orientariam a sua ação a partir das chamadas “lições de coisas”.

Concebido assim, nas revistas especializadas e manuais pedagógicos do final do século XIX e início do XX prevalece essa pedagogia da “arte de ensinar” ou da “imitação”. Nesse modelo pedagógico, caberia ao professor se apropriar, pela observação e reflexão da prática, de bons moldes de ensino, de maneira a garantir a exemplaridade da educação dos sentidos, conforme os materiais cultivadores do desenvolvimento integral das crianças (CARVALHO, 2000; FERNANDES, 2018).

Froebel, idealizador do Jardim de Crianças (*Kindergarten*), foi um dos primeiros educadores a direcionar uma literatura pedagógica a jovens mulheres e mães interessadas nos cuidados da primeira infância, assim como nos modos de emprego dos materiais constituintes de sua “metodologia desenvolvimental”; isto é, nos “dons" e “ocupações” froebelianas. Para o pedagogo do *Kindergarten*, o “ABC das coisas” deveria preceder o “ABC das palavras” e dar às palavras abstrações, seus verdadeiros fundamentos (FERNANDES, 2018, p. 69).

Esse pedagogo pensou os materiais constituintes do “ABC das coisas” associados a uma metodologia de aplicação, de conformidade a três fenômenos do desenvolvimento infantil interligados: i) a ação espontânea (impulso natural da criança à interação com os objetos); ii) a percepção (aprendizagem dos objetos pela estimulação dos sentidos em jogos mediatizados pela linguagem) e, iii) a abstração (conhecimento dos objetos pela interiorização de suas estruturas). (FERNANDES, 2018).

A pedagogia do *Kindergarten* de Froebel, além de explicitada teórica e metodologicamente em livros como *Pedagogics of the Kindergarten* (1897) e *Education by development* (1990), foi amplamente difundida em manuais pedagógicos do “entre séculos”; destacando-se a obra *The paradise of childhood*, de Edward Wiebé (1869), publicada no Brasil sob o título “Guia para Jardineiras”, nos dois volumes da *Revista do Jardim da Infância* (1896 e 1897).

Dessa maneira, com a criação do Jardim da Infância Caetano de Campos (1896), anexo à Escola Normal e à Escola Modelo, tem-se a constituição de uma forma escolar e de um modo escolar de socialização da infância, mediante o modelo de formação docente da caixa de utensílios (CARVALHO, 2000). Esse modelo foi orientado por um “programa de atividades” e por um conjunto de regras impessoais e normas disciplinares em observância às pedagogias de Pestalozzi e Froebel. Sendo publicado na *Revista do Jardim da Infância*, colaborou para sistematizar as ações das professoras na própria instituição, ao passo que serviu de “bom molde” de ensino e educação a outros estabelecimentos brasileiros no “entre séculos”.

**O modelo do Jardim na *Revista do Jardim***

Em 1896, mesmo ano de instalação do Jardim da Infância anexo à Escola Normal e à Escola Modelo, o diretor Gabriel Prestes editou a *Revista do Jardim de Infância*, visando tornar conhecidos os processos de Froebel, assim como auxiliar a criação e a organização de outros estabelecimentos. Embora o projeto editorial de Prestes tenha se restringindo à publicação de duas edições, a *Revista do Jardim da Infância* desempenharia “[...] papel exemplar no cenário cultural e educacional do final do século XIX e início do século XX” (MONARCHA, 2001, p. 110).

A primeira edição da *Revista* (1896) foi composta pelos trabalhos de Gabriel Prestes na qualidade de tradutor, destacando-se a “apresentação da Revista”, o “Plano do Jardim da Infância da Cook County Normal Scool”, o “Guia para jardineiras” (WIEBÉ, 1869), e o “Programa de Jardim da Infância da inspetora Anna W. Devereaux”; além de um resumo dos “Dons de Froebel”, reunidos da obra de Edward Wiebé e do catálogo do material do *Kindergarten* fabricado pela J.L. Hammett.

Da inspetora Maria Ernestina Varella, a edição expõe o “Relatório anual do Jardim”, o “Programa e o Horário”, assim como o artigo “Exercícios práticos do jogo da bola: primeiro dom”. Da professora Rosina Nogueira Soares, destaca seu trabalho como tradutora nas seções “Brinquedos”, “Marchas” e “Cantos”. Da poetisa e auxiliar de direção Zalina Rolim, exibe uma série de contos, conversações e brincos do *Kindergarten*. Das jardineiras Isabel Prado, Anna de Barros e Joanna Grassi, o número reúne os artigos “Primeiro exercício de desenho feito no 3º Período do Jardim da Infância”; “Desenho”; e, “O brinquedo no Jardim”.

A segunda edição se caracteriza pela veiculação da pedagogia do *Kindergarten* a partir de 2 (duas) fontes: a norte-americana e a europeia. Gabriel Prestes também se destaca como tradutor. Sua participação inclui a publicação do “Programa de um Jardim da Infância”, extraído do livro da inspetora italiana Amélia de Rosa, com a continuidade do “Guia para Jardineiras” e um “resumo” dos princípios de Froebel, ambos retirados de *The paradise of childhood* (WIEBÉ, 1869).

Das jardineiras autoras, a edição privilegia a publicação de textos autorais e diversas traduções. A inspetora Maria Ernestina publica os artigos originais “Segundo dom” e “A Ginástica no Jardim da Infância”. A jardineira Isabel Prado “Exercícios com anéis executados no 3º Período do Jardim da Infância”, e, Joana Grassi “Números quebrados”. Nesse volume, Zalina Rolim publica diversos artigos de cunho teórico, destacando-se os títulos: “Resumo dos princípios de Froebel”, retirado de *Kindergarten and child culture papers* (BARNARD, 1890), e os textos “Do conto e da arte de contar” e “Os jogos e a externação da individualidade”, extraídos de *Frederico Froebel ed il suo sistema de educazione* (ROSA, 1896).

Tendo em vista o exposto, compreende-se o trabalho realizado pelas professoras autoras da *Revista do Jardim da Infância* como uma “caixa de utensílios” do modelo paulista de educação, em que os modos de ensinar e educar do Jardim da Infância se constituiriam em um processo de apropriação, objetivação e sistematização da pedagogia froebeliana, então entendida como “arte de ensinar”. A “caixa de utensílios” dessas jardineiras não constitui, entretanto, uma mera “cópia” do sistema froebeliano. Pois, conforme reflete Carvalho (2000), se faz oportuno relacionar a “engenharia” do modelo de educação paulista “[...] às concepções que propunham a arte de ensinar como boa cópia de modelos” (CARVALHO, 2000, p. 113).

**Os modos de ensinar e educar na *Revista do Jardim***

O Programa organizado por D. Maria Ernestina Varella, diretora do Jardim da Infância Caetano de Campos, sistematiza o ensino e a educação da primeira infância paulista mediante exercícios de linguagem, memória, nomenclatura objetiva e trabalhos manuais. Organizado em 3 (três) períodos, o Programa é constituído por atividades graduadas que variam, somente, em relação à profundidade dos assuntos, materiais e processos didáticos dirigidos às crianças de 4, 5 e 6 anos de idade; sendo constituído pelos seguintes eixos: Linguagem (conversações e contos, e, para o segundo e terceiro períodos, formação de palavras por letras impressas); Dons froebelianos (sólidos não divisíveis e dons de construção); Trabalho manual (continhas, recortes de papel, entrelaçamento, dobraduras, picagem etc.); Modelagem (bola, cubo e cilindro); Desenho (com uso de varetas, pauzinhos, lousas e papéis quadriculados); Números (contagem de um a dez com bolinhas, numeração com pauzinhos e cartões, pequenas operações e números impressos); Cores (primárias e secundárias por mapa de cores); Cantos (pequenos hinos e marchas); Ginástica (movimento da cabeça e dos dedos através de melodias fácies); e, brinquedos (de movimentos, imitação, marcha etc.).

O curso do Jardim de Infância foi dividido em 3 (três) períodos, em que “[...] o Jardim só pode admitir crianças até a idade de 6 (seis) anos”, sendo o terceiro e último período “[...] preparatório do primeiro ano da Escola Modelo” (VARELLA, 1896, p. 10). O tempo escolar, por sua vez, envolvia 20 (vinte) momentos distintos: 1. Canto, saudação; 2. Conversação; 3. Marcha; 4. Repouso; 5. Dons; 6. Recreio (parcial); 7. Discos e contagem com bolinhas; 8. Preparação para o *lunch*; 9. *Lunch* em classe; 10. Recreio no Jardim (geral); 11. Revisão, canto e chamada; 12. Desenhos; 13. Marcha; 14. Trabalhos manuais; 15. Recreio (parcial); 16. Exploração das cores; 17. Repouso; 18. Brinquedo; 19. Pensamentos, prêmio e cantos de despedida; e, 20. Saída.

Nesse sentido, os modos de ensinar e educar do Jardim da Infância Caetano de Campos aparecem expostos na *Revista* tanto em relação às atividades diárias (canto, saudação, entrada etc.) como às atividades formais à vista dos exercícios de linguagem, dos dons e ocupações, das noções geométricas e matemáticas froebelianas. A própria organização do tempo e do espaço escolar já incluía uma formalidade imbuída de intenção educativa, que expressa o ideal republicano de educação, defendido por Rui Barbosa (1882), baseado no desenvolvimento intelectual, físico e moral das crianças.

Os assuntos a serem trabalhados com as crianças nos chamados “exercícios de linguagem” deveriam se efetuar por meio de “conversações infantis” e “brevíssimos e simples contos” (VARELLA, 1896, p. 20). As conversações corresponderiam à apresentação e à exploração de temas articulados às vivências das crianças, mas, também, aos conteúdos escolares oriundos das ciências naturais, morais e cívicas.

Nessas lições de linguagem, as jardineiras deveriam apresentar, primeiramente, um objeto ou uma representação correspondente, a fim de despertar a curiosidade infantil, e, sobretudo, a “colheita” das impressões das crianças sobre o tema.

Em a “Lição de Frutas”, publicada pela professora e poetisa Zalina Rolim, a autora fornece um “bom molde de conversação”:

― De onde vêm as frutas?

― Cada fruta vem da sua árvore.

― As árvores levam anos para dar frutas. Quando é que nós vemos frutas na macieira?

― Na primavera.

― Então a primavera é o tempo em que a macieira está florescida. E as outras árvores quando florescem?

― Todas as árvores florescem na primavera. [...]

― Quem é que ajuda a árvore a fazer a maçã, e as outras frutas?

― A terra, o ar, os raios de sol e a chuva?

― Para que servem as frutas?

― Para comer e para se fazer doces.

― Algum de vocês sabe me dizer o que há bem no interior, ou bem no meio da fruta?

― As sementes. [...]

(ROLIM, 1896, p. 45-46).

Antes de socializar esse modelo de conversação, Zalina Rolim oferece uma “explicação” de como deveria se dar os modos de ensinar e educar com esse exercício de linguagem. Adverte que, antecedendo a lição, “[...] seria conveniente que a professora tivesse além da maçã: uma pera, um pêssego, ameixas, uvas etc., para mostrar às crianças”. E reitera: “O melhor mesmo seria um galho com frutas e flores, ou um desenho colorido” (ROLIM, 1896, p. 45).

Coerente com a orientação froebeliana (FROEBEL, 1897) de a educação da primeira infância privilegiar a apresentação do “todo”, a pronúncia exata do “nome” e o estímulo apropriado aos sentidos, Zalina Rolim recomenda que a professora articule a conversação às impressões visuais, táteis e olfativas das crianças; orientando que a jardineira deveria dar, primeiramente, “[...] o nome das frutas e fazer perguntas a respeito das cores”, assim como “[...] animar as crianças a distingui-las pelo tato [...]”; chamando-lhes a “[...] atenção para o cheiro, sabor etc.” (ROLIM, 1896, p. 45). Além dessas recomendações, adverte que seria conveniente “[...] uma série de desenhos, mostrando a maçã gradualmente desenvolvida” (ROLIM, 1896, p. 46).

O trabalho de Carlos Monarcha (2001) evidencia a repercussão da *Revista do Jardim da Infância* na sociedade paulistana. Entre as fontes disponibilizadas por esse historiador da educação, consta um texto de autoria de Antônio D’Ávila, que “[...] observou o enrijecimento da organização do jardim da infância segundo os ‘processos de Froebel’” (MONARCHA, 2001, p. 91). Nesse escrito, o intelectual afirma:

O Jardim da Infância trazido para São Paulo pelas mãos laboriosas de Gabriel Prestes, [...] aqui chegou com o rígido caráter froebeliano. Tinha uma **Bíblia** – *The Paradise of childhood* [...], de cujas páginas brotaram os nossos programas [...], as nossas lições de dons e ocupações. Era uma peça inteiriça, nos moldes do espírito matemático geométrico de Froebel, que imprimia ao Kindergarten, um cunho rígido, ortodoxo de princípios e de normas. Durante mais de vinte anos foi um Jardim froebeliano puro, enquadrado na didática dos dons e ocupações (D’ÁVILA, 1972, apud MONARCHA, 2001, p. 91, grifos do autor).

As considerações de Antônio D’Ávila (1972) fazem sentido se forem observados os modos de ensinar e educar com os dons froebelianos. Em o artigo “Exercícios práticos do jogo da bola: primeiro dom”, a diretora Maria Ernestina oferece aulas completas sistematizadas com as 6 (seis) bolinhas do primeiro dom.

Para a preparação das lições, a professora deveria organizar as crianças em círculo, e, ao “sinal dado pela mestra”, a criança “menor” do grupo faria “[...] a distribuição de mão em mão até a última da classe” (VARELLA, 1896, p. 261). Esse processo de “circulação das bolinhas” seria acompanhado da “Música 16”, que integra o catálogo de cantos traduzidos do Jardim da Infância:

A bolinha quer passar

Da minha pra sua mão,

Vai levar-te a saudação:

― Bom dia!

E vai e vem a bolinha [...].

(apud VARELLA, 1896, p. 261).

Após essa preparação, a jardineira deveria instigar as crianças a estenderem as mãos direitas já portando suas bolas. Feito o procedimento, a mestra indagar-lhes-ia sobre o que podiam realizar com o brinquedo, obtendo as possíveis respostas: “A minha bolinha pode pular”. “Esta bola pode cair”. “Minha bola pode mover-se” (VARELLA, 1896, p. 262).

Obtidas algumas respostas, a educadora incentivaria, então, as crianças a fazerem “rolar” suas bolinhas, sendo essa atividade acompanhada pelo canto de uma quadrinha. Posteriormente, faria as crianças levantarem as mãos, mediante as seguintes “ordens”:

Agora levantem todas as bolinhas com a mão direita.

Abaixem a mão direita.

Levante a mão esquerda. Abaixo.

Levantem as duas mãos. Passem a bolinha da mão esquerda para a direita. Abaixem a mão direita. [...]

(VARELLA, 1896. p. 262).

Esse exercício promoveria a distinção da mão direita e esquerda, de modo que os movimentos fossem executados com graça e agilidade. Essa orientação apresenta-se compatível aos modos de ensinar e educar sugeridos por Edward Wiebé, em o manual *The paradise of childhood* (1869), que foi traduzido por Prestes. Segundo o autor:

Esta primeira ocupação tem por objeto ensinar as crianças a fazerem a distinção entre direita e esquerda e a darem a denominação própria às várias cores. Presta-se também a desenvolver o órgão vocal e a instruí-las nos princípios da polidez (WIEBÉ, 1896, p. 75).

Coerente às prescrições do *Guia das jardineiras*, Maria Ernestina descreve diversos modos de emprego relativos à exploração das bolinhas. As atividades com o primeiro dom deveriam ser norteadas por “exercícios de comparação”, que possibilitariam às crianças o reconhecimento de objetos esféricos em relação à cor, à forma e ao movimento, assim como a diferenciação das cores.

Em relação à forma esférica, fazia-se necessário compará-la com frutos e objetos significativos à vida infantil, de modo que as crianças chegassem a conclusões do tipo: “Minha bola é redonda como uma maçã”. “Esta bolinha é redonda como uma laranja” (VARELLA, 1897, p. 265, grifos da autora). Sendo assim, as crianças deveriam ser incentivadas a substituir o pronome possessivo “minha” pelo demonstrativo “esta”.

Feita a substituição, a jardineira deveria perguntar: “Quem é que gosta da bolinha?” Sendo afirmativas as respostas, a professora e as crianças entoariam a “Música 13”, que igualmente integra o repertório de canções do Jardim da Infância. Conseguidas algumas sínteses, as crianças também deveriam pronunciar a palavra correspondente à forma, substituindo a palavra “redonda” por “esférica” (VARELLA, 1897, p. 266). Feita a investigação gradual das propriedades do primeiro dom, a inspetora sugere a criação de uma história a se desenvolver sob a forma de “diálogos”, preparando as crianças para a “despedida das bolinhas”, como, também, dar abertura à introdução do segundo dom froebeliano: a esfera, o cilindro e o cubo.

**Considerações finais**

Para o intelectual Antônio D’Ávila, o Jardim infantil da Caetano de Campos teria perdido muito do “espírito de Froebel”, ficando a padronização das ações estereotipadas, em que seriam observadas as mesmas atitudes, perguntas e respostas; assim como os “[...] mesmos dons retirados de caixas iguais, o cubo apanhado da mão esquerda, [...] a esfera com a direita, tudo uniforme, mecanizado, rígido, de acordo com manuais orientadores” (D’ÁVILA, 1972, apud MONARCHA, 2001, p. 92).

Considera-se, porém, que a uniformidade e o excesso de diretividade dos modos de ensinar e educar no Jardim da Infância, então expostos na *Revista do Jardim da Infância* (1896, 1897), encontraram embasamento no próprio Froebel. A sua pedagogia ativa se desenvolveu altamente prescritiva e diretiva. A espontaneidade e liberdade das atividades infantis deveriam ser sistemática e constantemente reguladas pela atuação da educadora, que seria capaz de prever e ordenar os comportamentos das crianças. Diz Froebel, em *A educação do homem* (2001):

A educação ativa, a que ordena e prescreve, não tem, em todo caso, mais do que um destes dois sentidos: ou sugerir pensamentos claros e vivos, a ideia verdadeira, fundada em si mesma; ou bem oferecer algo que sirva de exemplo e de modelo (FROEBEL, 2001, p. 27).

Entendido assim, se o modelo escolar paulista colaborou para institucionalizar a infância, mediante dispositivos de uma forma escolar e um modo escolar de socialização, esses atributos já estariam presentes nas bases conceituais e práticas da pedagogia froebeliana. A “caixa de utensílios” das jardineiras reflete, desse modo, a natureza da formação docente na Escola Normal Caetano de Campos, que, no “entre séculos”, concebia a pedagogia como arte de ensinar. As apropriações feitas pelas jardineiras autoras do “ABC das coisas” froebeliano não apresentariam, assim, grandes distanciamentos dos princípios e aplicações práticas dos meios de emprego, educação e instrução do *Kindergarten* (FERNANDES, 2018).

Esse modelo de educação da infância paulista demonstraria, no entanto, “sinais de corrosão” em meados de 1923, quando a professora Alice Meirelles Reis haveria cogitado, após assistir às aulas do professor Lourenço Filho, “[...] introduzir em sua classe a reforma trazida pela Escola Nova, que exigia o respeito à liberdade de ação e ao interesse da criança” (NOSSO ESFORÇO, 1946, p. 2).

A partir das inovações dessa professora haver-se-ia, no Jardim da Infância, o início de um processo de adaptações e modificações à metodologia desenvolvimental froebeliana. A essa altura, a pedagogia moderna havia a sua hegemonia questionada pela pedagogia da Escola Nova; ofertando materialidade a um novo modelo de formação docente, baseado em “saberes autorizados” ligados a pesquisas experimentais, fundamentadas nas Ciências da Educação. Modelo esse identificado por Carvalho (2000) como o da “Ciência da Biblioteca”. Mas esse constitui outro capítulo da literatura pedagógica destinada à formação e à prática docente nas escolas brasileiras, que se pretende debater em uma próxima comunicação...

**Referências**

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.); KUHLMANN Jr., Moisés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 11-60.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, p. 111-120, 2000.

FERNANDES, Hercília Maria. **Aprender e apreender no Jardim-Escola (Caicó, Rio Grande do Norte, 1960-1993)**. Natal-RN: UFRN, 2018, 367 f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FROEBEL, Friedrich Wilhelm August. **A educação do homem**. Tradução Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo (Rio Grande do Sul): Editora Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_\_. **Pedagogics of the kindergarten**. Translated by Josephine Jarvis. New York: Appleton, 1897.

\_\_\_\_\_\_. **Education by development**: the second part of the pedagogics of the kindergarten. Translated by Josephine Jarvis. New York: D. Appleton and Company, 1902.

MONARCHA, Carlos. “Revista do Jardim-de-infância”: uma publicação exemplar. In:\_\_\_\_\_\_\_. (Org.). **Educação da infância brasileira**: 1875-1983. Campinas-SP: Autores Associados, 2001, p. 81-120.

NOSSO ESFORÇO. Órgão do Curso Primário da Escola Caetano de Campos. Ano XI, n. 3, São Paulo, maio. 1946.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Grafhia Editorial, 1999.

REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA. Escola Normal Caetano de Campos, São Paulo, v. 1 e 2, (1986 e 1987).

ROLIM, Zalina. Lição de frutas. **Revista do Jardim da Infância**. Escola Normal Caetano de Campos, São Paulo, v. 1, p. 45-46, 1896.

VARELLA, Maria Ernestina. O Jardim da Infância Anexo à Escola Normal. Relatório apresentado ao Diretor da Escola Normal pela Inspetora D. Maria E. Varella. **Revista do Jardim da Infância**. Escola Normal Caetano de Campos, São Paulo, v. 1, p. 8-13,1896.

\_\_\_\_\_\_. Programa organizado por D. Maria Ernestina Varella. **Revista do Jardim da Infância**. Escola Normal Caetano de Campos, São Paulo, v. 1, p. 20-28, 1896.

\_\_\_\_\_\_. Primeiro dom. **Revista do Jardim da Infância**. Escola Normal Caetano de Campos, São Paulo, v. 2, p. 256-284,1897.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 9-47, jun. 2001.